

PREFÁCIO

Ricarda Musser
Christoph Müller

Durante o longo século XIX a revista, como meio de comunicação, desenvolveu-se de forma muito dinâmica. Se, no início, quase não se distinguia dos livros pela forma ou aspeto, foi-se diversificando – através de novas possibilidades técnicas, de um aproveitamento de novos públicos e de especializações temáticas – num meio de comunicação por si próprio e, simultaneamente, porém, num meio de comunicação muito diversificado.

Até hoje, não é fácil definir exatamente qual o tema das revistas culturais. No entanto, podemos salientar a vastidão de temas que estas cobrem, indiciando que o conceito de cultura seria bem amplo, pois além dos temas de ciências humanas de orientação cultural também tem claramente em conta as ciências naturais e a inovação tecnológica. Esta interdisciplinaridade é, provavelmente, a característica mais importante das revistas culturais até à Primeira Guerra Mundial. Uma segunda característica é o destinar-se a um público vasto, possível através de textos de compreensão geral e apoiada por diversos tipos de visualização gráfica. Deste modo, as revistas oferecem conhecimento de diversas formas e de modo respetivamente específico e ordenado, podendo ser consideradas como “pequenos arquivos” da sua época (conf. Frank / Podewski / Scherer 2009: 41-42).

Uma vez que as revistas culturais quase que se desenvolveram simultaneamente na Europa e nas Américas – com os pontos de referência internacionais, Paris e Londres – não é de estranhar que, surgindo um frutífero intercâmbio suprarregional e transatlântico, de artigos e respetivas traduções e ilustrações, tenha conduzido, de facto, a um estágio precoce da globalização cultural.

Assim, leitores de revistas ilustradas, vivessem eles nas Américas ou na Europa, teriam familiaridade com as ruas de Paris, Londres ou Madri: conheceriam a Torre Eiffel ou o pavilhão do Brasil na Exposição Universal; saberiam como foram os funerais de Victor Hugo e tampoco ignorariam a aparência de indígenas brasileiros (Abreu 2018: IX).

O mundo lusófono não estava na linha da frente destes desenvolvimentos, porém beneficiava primeiro de uma ou outra forma, para depois explorar espaços próprios e plataformas discursivas. A capital francesa teve uma importância significativa para o mercado brasileiro e português. A partir daqui eram não só exportadas obras em francês, como também havia numerosas publicações em português e, entre estas, algumas revistas. Diana Cooper-Richet identificou que, só no espaço de tempo entre 1815 e o final da terceira década do século XIX, foram publicados 10 diferentes títulos periódicos em língua portuguesa (2009: 555). Também no seguimento do século XIX data a informação de que um certo meio de comunicação fora editado em Paris, como, por exemplo o famoso *Jornal das Famílias* (1863-1878), das mãos da editora de Baptiste Louis Garnier, no Rio de Janeiro, constituindo um importante fator de divulgação.

Na secção *Redes intelectuais no século XIX: uma visão panorâmica através das revistas culturais no Brasil, em Portugal e na África de expressão portuguesa* do 12º Encontro Lusitanistas, na Mogúncia, de 13 a 16 de setembro de 2017, foram analisados diversos aspetos de determinadas revistas lusófonas ou publicadas no mundo lusófono. A atenção recaiu sobre questões da rede transatlântica e do intercâmbio de ideias, inovações, textos e imagens, que se refletiam nas revistas culturais de uma ou outra maneira. Os sete ensaios deste volume recorrem novamente a esta ideia de rede em relação aos vários campos temáticos no decorrer do século XIX.

João Bartolomeu Rodrigues, Orquídea Ribeiro e Fernando Moreira, partindo das vivências culturais do século XIX, evidenciam no seu artigo três referentes individuais que, em 1837, se cruzaram, convergiram e se completaram, imprimindo um carácter indelével na cultura oitocentista portuguesa. Em primeiro lugar, destacam a criação da *Sociedade Propagadora de Conhecimentos Úteis*; em segundo lugar, o aparecimento de o jornal *O Panorama* (1837-1868), o órgão jornalístico dessa sociedade; e, finalmente, a figura emblemática de Alexandre Herculano, primeiro diretor daquele periódico. É, pois, com naturalidade que *O Panorama* se inspira em exemplos estrangeiros, como *Le Musée des Familles*, publicado em Paris, cujos centros de interesses quase coincidiam com os de

O Panorama e de que várias passagens foram literalmente transpostas para a publicação portuguesa, e, sobretudo, o *Penny Magazine*, jornal inglês que, de acordo com a declaração do próprio Alexandre Herculano, lhe serviu de modelo. O *Diário do Governo* anunciava as linhas mestras do futuro semanário: “ensinar o povo para que ele seja menos acelerado ou menos violento em suas opiniões – e oferecer-lhe a instrução por modo que a ele possa chegar o seu entendimento e a sua bolsa, isto é, fácil e barata”.

Christoph Müller analisa, no seu ensaio, a importância que os meios de informação periódicos tiveram nas áreas da Ciência, da Técnica e da Arte, tomando como exemplo as revistas portuguesas *O Museu Portuense*, *Jornal de Historia, Artes, Sciencias Industriales e Bellas Artes* (Porto, 1838-1839) e *A Epoca. Jornal de Industria, Sciencias, Litteratura e Bellas Artes* (Lissabon, 1848-1849). Comparando com outros países europeus, em Portugal, a receção sobre a inovação tecnológica e os resultados da investigação científica do século XIX chegavam com um certo atraso. Para colmatar tal carência foi dado o incentivo para uma série de projetos de publicação, na sua maioria revistas. O facto de que muitas destas revistas de cunho técnico-científico, que estavam divulgadas em Portugal, não serem aí editadas, mas em Paris ou Londres, é um indício de que se tentou tirar partido do saber adquirido no estrangeiro, para também o divulgar em Portugal e aí incentivar novas pesquisas, e elevar Portugal a um nível internacional.

O artigo de Ana Cláudia Suriani da Silva propõe um exame de periódicos com conteúdo de moda publicados no Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX: *O Espelho Diamantino* (1827-1828), *A Mulher do Simplicio* (1832-1846), *Correio das Modas* (1839-1840), *O Gosto* (1843), *Espelho Fluminense* (1843) e *O Martinho* (1851). Em primeiro lugar, discute o surgimento das revistas de moda brasileiras no contexto do desenvolvimento da imprensa e da indústria da moda no Rio de Janeiro e vê, aqui, ligações a tendências e evoluções na moda europeias, que tiveram efeito no caso brasileiro como promotores de ideias e de modelos. Em segundo lugar, examinando a seção “Modas” em comparação com o conteúdo visual e outros conteúdos textuais dos periódicos acima mencionados, apresenta as principais características das primeiras revistas de moda brasileiras e estabelece as origens da crônica da moda brasileira como gênero jornalístico.

O objetivo da contribuição de Tania Regina de Luca é analisar a presença da cidade de Paris na revista *A Ilustração*, que circulou entre maio de 1884 e janeiro de 1892, impressa na França e quinzenalmente remetida do porto de Bordeaux para Lisboa e o Rio de Janeiro. O seu título remete

para um tipo bastante específico de periódico, denominado genericamente de ilustrações. A novidade não residia no fato dessas folhas trazerem imagens, que já se faziam presentes nas antecessoras lançadas anos antes, mas na ênfase colocada nas atualidades, em detrimento da preocupação com os conhecimentos úteis. O modelo matricial desse novo gênero foi o *Illustrated London News* (1842), logo replicado ao redor do mundo, a começar pela francesa *L'Illustration* (1843). Não tardou para que as ilustrações, com diferentes graus de semelhança em relação aos exemplos inglês e francês, fossem fundadas em diferentes países, inclusive no Brasil e em Portugal. Esses periódicos, luxuosos e relativamente caros, esmeravam-se em fornecer um produto primoroso do ponto de vista gráfico, outro aspeto que os diferenciava dos predecessores imediatos que, visando atingir o público mais amplo possível, não se preocupavam com os aspetos estéticos.

Ricarda Musser, no seu ensaio, debruça-se sobre a questão de como é que, a exemplo da revista *Kósmos* (Rio de Janeiro, 1904-1909), as artes performativas são tratadas. Desde o último terço do século XIX colocava-se cada vez mais a questão de um teatro brasileiro próprio, para o qual tanto deveriam fluir características nacionais como modelos internacionais. O interesse especial reside, aqui, na comparação, entre os grupos teatrais europeus em digressão pelo Brasil e os elencos brasileiros, levada a cabo sobretudo pelo dramaturgo e crítico de teatro Artur Azevedo na revista *Kósmos*. Interessante aqui é, ainda, não só a escolha das peças e da língua na qual eram levadas à cena, como também as críticas sobre o trabalho de extraordinários atores e atrizes em particular, tanto nacionais como estrangeiros. O debate sobre o teatro inscreve-se na revista *Kósmos* sob o pano de fundo da modernização da cidade do Rio de Janeiro e da construção da sua infraestrutura, na qual estava incluído o plano do Teatro Municipal na Avenida Rio Branco.

O ensaio de Cynthia Greive Vegas recai sobre a revista *Senhorita*, editada em Curitiba, por e para mulheres. Esta revista acolhe temas de debate internacional como por exemplo a questão do direito de voto e a igualdade de direitos, assim como o exercício profissional da mulher no contexto da sua escolaridade e posterior formação educacional. Estão também incluídas aquelas áreas temáticas tradicionalmente atribuídas às mulheres: moda, alimentação e educação das crianças. Esta revista movimentava-se, assim, num campo de tensão entre a tradição e o moderno, refletindo a realidade da mulher brasileira das elites.

Cláudia Rio Doce concentra, no seu ensaio, um espaço de tempo extenso, desde a revista *Niterói*, editada em 1836, em Paris, com apenas

dois números em português, até à *Revista de Antropofagia*, editada em 1928/29, no Rio de Janeiro. Neste ensaio, analisa o desenvolvimento da literatura brasileira, partindo da independência nacional, com as suas consequências para a criação de uma literatura nacional própria, chegando à vanguarda literária, à volta de Oswald de Andrade, incluindo modelos europeus que, conforme as épocas, foram sendo adotados ou rejeitados, e a própria herança cultural.

Bibliografia

- Abreu, Márcia (2018): “Prefácio: imaginários compartilhados“, em: Luca, Tania Regina de: *A Ilustração (1884-1892). Circulação de textos e imagens entre Paris, Lisboa e Rio de Janeiro*. São Paulo: Ed. UNESP, pp. VII-IX.
- Cooper-Richet, Diana (2009): “Paris, capital editorial do mundo lusófono na primeira metade do século XIX?”, em: *Varia historia*, 25, 42, pp. 539-555.
- Frank, Gustav / Podewski, Madleen / Scherer, Stefan (2009): “Kultur – Zeit – Schrift. Literatur- und Kulturzeitschriften als kleine Archive”, em: *Internationales Archiv für Sozialgeschichte der deutschen Literatur*, 34, 2, pp. 1-45.